

A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL NA VISÃO DE SEUS ATORES

Roberto Ferreira dos Santos¹

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar a visão de violência do mundo futebolístico português, na perspectiva de seus atores. Na opinião dos mesmos a violência é resultante do temperamento individual de cada atleta e da relação deste com o meio ambiente futebolístico. Segundo os atores a atuação do árbitro é fundamental para a mediação dessa dimensão do jogo, entretanto reconhecem quão difícil é arbitrar um jogo. Todos os atores percebem que existe necessidade de aprimorar a questão da arbitragem, embora alguns se mostrem simultaneamente, relutantes. A indecisão está relacionada com a preocupação de uma mudança radical na dinâmica do jogo.

Palavras Chave: Futebol, Violência, Sociologia do Esporte.

Introdução

Quando observamos uma partida de futebol o espaço delimitado pelos estádios ganha uma dimensão importante, principalmente se circunscrevermos nossas observações ao campo de futebol. Nesse espaço o jogador tem que manifestar toda sua arte num determinado tempo. Nesse tempo ele pode passar de um momento mágico, caso consiga realizar grandes jogadas e marcar gols, ou pode ser crucificado caso realize uma performance deplorável. É nesse espaço e nesse tempo que ele tem que construir seu sucesso ou sucumbir às pressões do jogo.

Nesse sentido, muitas vezes não entendemos determinados comportamentos violentos manifestados por jogadores profissionais, e até estabelecemos julgamentos de valor, sem saber quais os motivos que estariam por trás dessas atitudes. Em outras palavras, idealizamos um comportamento partindo de uma premissa: ou seja, que os jogadores não sofreriam influências exteriores que determinassem essa atitude.

Objetivo

O objetivo desse artigo é apresentar a visão de violência no mundo futebolístico português, na perspectiva de seus atores principais. Sendo parte de uma pesquisa maior – minha tese de doutorado – apresento aqui, o capítulo referente às entrevistas realizadas com os especialistas. Estas entrevistas tiveram como objetivo principal captar determinados fatos que a observação dos jogos e a análise dos jornais não conseguiram revelar.

Para fundamentar teoricamente este estudo é importante situá-lo como uma abordagem civilizacional, Elias (1992) para a interpretação da violência no futebol português. Nesse sentido, a pesquisa envolveu a observação do futebol português por três dimensões; a observação sistemática dos jogos nos campos e pela TV, as análises das notícias dos jogos publicadas em jornais portugueses entre 1993/96 e as análises das entrevistas. Essa forma é denominada triangulação Denzin (1996) e Haag (1994). Na opinião **deste último** a "Triangulação é a aplicação e combinação de vários métodos de pesquisa no estudo de um fenômeno" (HAAG, 1994, p.501). Mais ainda é uma estratégia para aperfeiçoamento da pesquisa comparativa nas ciências dos desportos. Para o autor, um dos aspectos importantes para a utilização da triangulação como metodologia, é o fato de; "...desporto ser um

¹ Doutor-Universidade Salgado de Oliveira-UNIVERSO.

fenômeno complexo e portanto ser visto num contexto sócio-cultural variado" (HAAG, 1994, p.502). Para reforçar a afirmação utilizada acima, podemos recorrer a Patton (1990) que menciona a triangulação como estratégia de pesquisa, defendendo a utilização desta quando diz "Combinações de entrevistas, observações e análise de documentos são necessários no campo das ciências sociais" (PATTON, 1990, p.188).

É compreensível que a observação e análise dos acontecimentos do futebol apenas a partir de uma fonte de dados seja incompleta. Nesse sentido só um contacto bem próximo e uma análise dos seus discursos - no caso, através da análise das entrevistas - permitem entender o significado da violência e do futebol para essas pessoas.

O pressuposto básico para a utilização de entrevistas é o fato das pessoas entrevistadas representarem uma determinada cultura, no caso aqui o futebol. A utilização da entrevista não dirigida ou semi-estruturada torna-se essencial quando pretende-se compreender as representações, concepções ou sistema de valores de pessoas que vivenciam um ambiente específico (Michelat In THIOLENT, 1985, p.194)

É importante destacarmos que, todos os entrevistados, foram informados sobre o aspecto ético da pesquisa, ou seja, que o anonimato é respeitado e que todos têm o direito de responder da forma que mais se sintam seguros e respeitados. Além deste ponto, também lhes foi dito o objetivo central do trabalho.

Resumindo, é possível afirmarmos que o desporto de alto rendimento carece das contribuições descritivas e interpretativas deste tipo de trabalho. Dizendo de outra forma, o mundo desportivo de alto rendimento precisa ser compreendido e discutido através das palavras, da vivência, da concepção e da consciência dos seus atores.

Foram entrevistados 12 especialistas do mundo futebolístico, sendo 10 jogadores e ex-jogadores profissionais. Somente 2 entrevistados não haviam sido jogadores profissionais, mas no momento da pesquisa ou estavam trabalhando em clubes ou no passado tinham feito parte dessa categoria. Resumindo, todos os entrevistados tinham, historicamente falando, grande envolvimento com o mundo futebolístico sendo que em alguns casos tinham feito parte da seleção nacional de seus países.

Considerando que a pesquisa procurou entender a visão dos atores sobre a violência, percebemos quatro eixos centrais nas falas dos entrevistados, que nos permitiram construir nossas reflexões: o jogador violento e as razões que determinam as violências, a atuação dos árbitros como forma de mediação, a possibilidade da mudança das regras para minimizar a violência e a profissão dentro do contexto cultural.

O jogador violento: a natureza individual e o contexto esportivo

Na opinião dos atores a violência é uma resultante do temperamento individual de cada atleta e da relação deste com o meio ambiente. É bem claro, para alguns, que existem jogadores deliberadamente violentos, não sendo, entretanto, a maioria. Para outros essa evidência não é tão óbvia. Para esses, o que existe são jogadores que circunstancialmente tornam-se violentos. Nos diversos discursos, foi possível identificar que, na maioria das vezes, o descontrole momentâneo é resultado de três situações.

Na primeira, o descontrole está relacionado com a revolta perante um erro ou a identificação de uma atitude mal intencionada por parte da arbitragem. Na segunda, a incapacidade de resolver a situação, dizendo de outra forma, a incapacidade em controlar o adversário, provocaria a violência. Na terceira, o ambiente circunstancial do jogo, e de uma forma mais persistente e constante, o ambiente onde praticam o futebol.

Em relação à primeira situação, os jogadores reconhecem que, apesar de saberem que muitas vezes o árbitro pode estar mal intencionado, e que conseqüentemente, suas atitudes de

revolta não adiantariam em nada, não conseguem manter o controle e revoltam-se, com atitudes violentas, contra os colegas ou mesmo contra os árbitros. Percebem nitidamente que não é uma questão racional, pois se assim o fosse controlar-se-iam.

Em relação à segunda, a sensação que descrevem, é que a entrega ao jogo, muitas vezes torna-se demasiado grande e, como não conseguem controlar o adversário, acabam praticando violências, que no fundo não queriam praticar.

No que diz respeito ao ambiente circunstancial, reconhecem que de alguma forma também está ligado à atuação do árbitro, pois geralmente em função de algum comportamento deste, considerado como erro técnico, erro de interpretação, ou mesmo má intenção, é gerado um clima que faz com que reajam violentamente. Muitas vezes colegas ou pessoas externas ao jogo incentivam esses comportamentos.

O meio ambiente onde praticam o futebol, geralmente pode contribuir para essas situações. Por exemplo, um dos atores afirmou que, seu técnico, várias vezes, comentava que deveria jogar "... à moda do Porto", referindo-se ao fato que, na opinião desse técnico, o Porto ter projetado uma imagem de seus jogadores, que refletia o empenho dos mesmos durante os jogos, mas que esse empenho, frequentemente, tornava-se exacerbado e gerava violência.

Em ambas as situações citadas anteriormente reagem violentamente, embora, posteriormente ao acontecido, reconheçam que estavam errados, e se justificam dizendo que no momento, diante dos fatos e vivendo intensamente o jogo, não conseguiram controlar-se.

Outra questão que ficou evidenciada diz respeito àquilo que na linguagem futebolística é fazer 'o papel de jogador', referindo-se ao fato, de que cabe ao jogador simular determinadas situações para tentar, tirar proveito das mesmas.

Esse tipo de comportamento é a confirmação da percepção de que o árbitro tem dificuldades em avaliar determinadas situações, e que, lhes cabe o 'papel' de tirarem proveito das mesmas. Entretanto, não percebem que esse comportamento, que é generalizado no meio dos jogadores, é também fonte de desconfiança geral e, digamos, pré-requisito para uma atitude permanentemente cínica diante do jogo. Por outro lado, como esse comportamento já está incorporado nas suas atitudes e os árbitros já aprenderam a interpretar os que simulam constantemente, muitas vezes tornam-se vítimas das suas encenações, pois os árbitros, que já estão precavidos contra esse comportamento, deixam de assinalar determinadas faltas reais, uma vez que a encenação dificulta a precisão da marcação.

Para entendermos mais claramente esse duplo papel desempenhado pelos jogadores, recorramos a Soares (1994) que realizou um trabalho sobre a malandragem no futebol brasileiro, caracterizando-a como um traço de identidade.

Em determinada parte de seu trabalho, o autor, ao analisar a transgressão como uma forma de arte - a malandragem - aponta que esses atores vivem esse eterno dilema, pois às vezes, são os artistas da malandragem, enquanto em outro momento são as vítimas, e, nesse momento exigem punição. Transcrevendo literalmente as palavras do autor;

O jogo de malandragens parece constituir um sistema de condutas transgressivas que caminham em paralelo às regras formais do jogo. Há uma ligação cínica entre estes sistemas. O jogador que no futebol joga com astúcia, quando perde, reivindica imediatamente que a autoridade aplique as regras formais em seu favor. Embora esta denúncia seja cínica. O derrotado ampara sua queixa na moral universal, contudo, durante o confronto entre malandros, a relação é regulada por uma moral do particular do contexto (SOARES, 1994, p.84)

Concluindo, essa forma de comportamento criada pelos jogadores para tentarem driblar as regras e a avaliação dos árbitros, muitas vezes pode transformar-se em conflitos, pois exige muita tolerância por parte desses mesmos malandros, que infelizmente nem sempre conseguem controlar-se e rompem com essa tolerância cínica recorrendo às violências físicas.

Um ponto que certamente é importante para as discussões futuras, é aquele que se refere à identificação das categorias da violência. Quando perguntados se identificavam outras formas de violência além da física, e especificamente confrontados com a pergunta sobre se a atuação do jogador Maradona, na Copa do Mundo de 1986, onde fez um gol com a mão, fora uma forma de violência, muitos atores, inicialmente, ficavam em dúvida, para posteriormente responderem afirmativamente. Alguns atores, antes de reconhecerem que era efetivamente violência, porque violava as normas do jogo, adjetivavam este comportamento como inteligente, esperto, habilidoso, etc...

Essa dúvida nos sugeriu que esses atores pudessem ter uma representação de violência, ou um código comportamental em relação à mesma, diferente dos explicitados no conceito de violência utilizado para este estudo. Especificamente os jogadores entrevistados na nossa amostra, afirmaram que nunca trabalharam com técnicos que explicitamente incentivassem a violência, mas também afirmaram que já presenciaram outros técnicos, e até dirigentes, incentivarem esse tipo de comportamento, inclusive nas categorias de formação. Ou seja, confirmaram existir incentivo aos jovens a assumirem um comportamento violento, fazendo uso da sua força física, que nessas categorias por vezes ocasiona muita diferença no momento do jogo.

Entretanto, alguns atores afirmaram que determinados técnicos sugerem de uma forma velada a necessidade do uso de alguma violência, porque as situações de jogo assim o demandam. Mesmo que não usem o termo violência, utilizam expressões que inevitavelmente levam o jogador a adotar comportamentos violentos.

Muitas vezes os técnicos usam de seu poder de convocar os jogadores, para levá-los a se comportarem de uma forma violenta. Um dos atores entrevistado foi categórico ao afirmar que alguns técnicos dizem "... você não joga porque não põe o pé..." no sentido de que o jogador devia jogar mais duro, para que pudesse ser escalado.

Além deste aspecto, de sugestão do comportamento dos jogadores, muitas vezes o técnico interfere até no estilo dos jogadores, levando-os a praticarem um futebol que atenda seu objetivo. Em consequência, o estilo individual de cada um é colocado em segundo plano, para atender à funcionalidade da estratégia do técnico.

A atuação dos árbitros: a eterna incógnita

A opinião unânime dos atores é que a atuação do árbitro é fundamental para o bom desenvolvimento do jogo. Todos percebem que muitas vezes é difícil para o árbitro precisar determinados lances, mas, por outro lado, também percebem que determinadas jogadas são julgadas de uma forma completamente parcial, por haver má intenção. Especificamente esses momentos, na opinião dos jogadores, são aqueles, que mais revolta provocam, gerando atitudes violentas. Nos casos entrevistados no nosso estudo, a ofensa foi a categoria de violência utilizada para atingir os árbitros.

Um dos atores disse que determinados árbitros apresentam um comportamento mal intencionado durante suas atuações. Para que tenhamos uma idéia desse comportamento, o ator relatou que determinados árbitros intimidam jogadores de times ditos pequenos. Em contrapartida acovardam-se ouvindo ofensas provenientes de craques, fazem vistam grossa a determinados comportamentos de craques e técnicos, ouvem absurdos dos técnicos que estão à beira dos gramados, só porque esses são de clubes que têm maior poder nas associações e na

federação. Apesar de todo esse clima, dentro de uma perspectiva histórica, afirmou que a forma dos árbitros atuarem em Portugal vem sistematicamente mudando, no sentido que anteriormente havia um nítido beneficiamento dos times mais importantes, em detrimento dos de menor importância. Hoje essa atuação já não é tão desequilibrada em relação aos clubes 'menores', que, em sua opinião, já são mais respeitados.

Ainda dentro da discussão dessa diferença de critérios, um dos atores mencionou que em determinada situação, na qual exorbitou de violência dentro de campo, percebeu nitidamente que foi favorecido pela condição de pertencer a um clube importante, pois o árbitro não o puniu da forma que devia.

Outro relatou uma situação de jogo, na qual foi expulso por ofensas ao árbitro, em que ficou evidente que o comportamento do árbitro foi de deliberadamente, deixar seguir o jogo e ignorar uma infração que seria impossível não ter visto. Ou seja, a partir destes depoimentos, é possível entendermos melhor determinados comportamentos observados a distância e aparentemente incompreensíveis, como por exemplo, alguns comportamentos de revolta manifestados por jogadores diante de algumas decisões dos árbitros.

Com relação ao poder do árbitro dentro do campo, todos os atores percebem que à sua função é inerente um poder que sentem ser capaz de, muitas vezes, alterar os acontecimentos, ou pelo menos induzir muitos desses acontecimentos. Em função dessa percepção, atribuem ao árbitro grande parte da qualidade do jogo.

Os aspectos abordados acima, levam-nos a discutir a questão do direcionamento do jogo por parte dos árbitros e a questão da corrupção na arbitragem.

Ao analisarmos os depoimentos dos atores como um todo, é possível perceber que parece haver dificuldade, por parte dos mesmos, em abordar o assunto. Evidentemente por se tratar de um assunto polêmico, é compreensível essa atitude. Entretanto, alguns atores não se furtaram de mencionar, que sabem que efetivamente existe corrupção na arbitragem. Um deles, inclusive referiu-se a uma linguagem código para precisar o preço dos árbitros e, com relação aos técnicos, mencionou que alguns já incluem nos seus salários, uma verba para distribuir pelos árbitros.

Uma opinião extremamente importante sobre esse assunto é a de um dos atores entrevistados. Para ele as suspeições sobre corrupção - mas não só corrupção, os comportamentos suspeitos de um modo geral, sejam eles praticados dentro ou fora dos campos - induzem à concordância tácita, de que a vitória só pode ser alcançada dessa forma. Ou seja, na opinião dele existe a construção de uma ideologia que interioriza a idéia de que o 'vale tudo dos bastidores' é a única forma de conquistar vitórias. Em sua opinião, essa forma de ver o ambiente futebolístico nem sempre retrata a realidade, e além do mais, provoca uma suspeição generalizada que de forma alguma é positiva para o futebol.

É interessante notarmos que os entrevistados, apesar de inicialmente demonstrarem certa dificuldade para falar no assunto, depois de algum tempo, discutiram esse assunto de uma forma mais franca, e sempre o principal ator mencionado na relação da corrupção foi o árbitro.

Com relação à questão da arbitragem um aspecto destaca-se dos discursos. Trata-se do fato de que os atores têm a opinião unânime de que, se as regras do futebol fossem interpretadas literalmente, a grande maioria dos jogos não chegaria ao final, querendo dizer com isso, que os comportamentos dos jogadores em campo, sistematicamente são passíveis de muitas expulsões de campo, e, em consequência, os jogos não terminariam.

Essa constatação permite-nos levantar duas hipóteses. A primeira seria a de que as regras de futebol talvez tenham sido concebidas de uma forma muito severa, e o comportamento dos árbitros, atualmente, seria uma maneira, informal, de corrigir essa distorção. A segunda seria a de que as regras são claras quanto às formas de punição e o comportamento dos árbitros na realidade é uma distorção das mesmas, distorção essa,

derivada de uma permissividade, que favorece a violência e conseqüentemente, a freqüente má qualidade do jogo. As observações e análises efetuadas até o momento, sugerem-nos a segunda hipótese, como sendo aquela que efetivamente ocorre. Mais ainda, em função dessa permissividade, percebemos que, quando um árbitro faz uso de seu real poder em função das regras, o que ocorre é que sua atuação passa a ser considerada excessivamente punitiva e, como conseqüência, motivo de fortes críticas. Em ambas as situações reagem violentamente, embora, posteriormente ao acontecido, reconheçam que estavam errados, e se justificam dizendo que no momento, diante dos fatos e vivendo intensamente o jogo, não conseguiram controlar-se.

A possibilidade da mudança das regras: um futuro incerto

De um modo geral, todos os atores percebem que existe uma necessidade de aprimorar a questão da aplicação das regras, embora alguns destes se mostrem simultaneamente, relutantes quanto à mesma. Esta indecisão está relacionada com a preocupação de uma mudança radical na dinâmica do jogo.

Com relação à questão da abolição do fora-de-jogo (impedimento), uma das grandes preocupações é a de que haja uma mudança significativa nas táticas empregadas pelas equipes, tornando o jogo mais concentrado em torno da grande área do campo, de certa forma tornando-o mais feio, segundo suas opiniões. Um dos atores usou a expressão, que o futebol se tornaria mais parecido com o Handebol, no sentido que as jogadas seriam mais previsíveis e mais concentradas.

Uma questão interessante em relação a esse ponto, é que muitos atores percebem na dinâmica da utilização da regra do fora de jogo uma das riquezas das táticas empregadas pelas equipes de futebol, mesmo quando confrontados com as inúmeras vezes em que os erros acontecem prejudicando suas equipes. Às vezes afirmam que o jogo "perderia sua inteligência". Ou seja, parece haver uma concordância tácita de jogar com essa imponderabilidade da falha de uma regra. Aliás, essa questão da imponderabilidade do erro na aplicação da regra é mencionada muitas vezes para realçar a graça e a riqueza do futebol. Em nossa opinião, parece haver uma confusão quanto à imponderabilidade do jogo em si, da dinâmica inerente a qualquer tipo de jogo, com a imponderabilidade baseada nos erros cometidos. Parece que os atores não percebem que a segunda muitas vezes provoca revolta e manifestações de violência, enquanto que a primeira é algo necessário para o fascínio do desporto em si.

Contudo, alguns atores admitem a possibilidade de haver uma linha que delimitasse a partir de onde existiria o fora de jogo, por exemplo, cerca de dez metros após a linha do meio campo. Com isso, haveria mais espaço onde os jogadores poderiam movimentar-se, criando mais possibilidades de jogadas.

Com relação à inclusão de um quarto árbitro, dentro de campo, com poderes semelhantes ao árbitro já existente, alguns atores também admitem que talvez fosse uma alternativa, principalmente porque, esse segundo árbitro ajudaria fundamentalmente nas situações difíceis dentro da grande área, que geram grandes polêmicas. Especificamente, dois atores entrevistados manifestaram a opinião de que as mudanças das regras, para favorecerem a competitividade, diminuição das violências e surgimento da beleza do jogo, devem ser fundamentadas em pontos específicos da dinâmica do esporte e privilegiar a criação de muitas situações reais de gol. Ou seja, que essas mudanças possam contribuir para a existência de mais gols durante uma partida, com baixa violência nos gramados.

A profissão e o ambiente futebolístico: o equilíbrio instável

Ao compararmos as entrevistas dos atores, algumas constatações podem ser feitas. A primeira delas, é que, para praticamente todos os intervenientes neste desporto, a paixão pelo futebol e a beleza da sua arte são fatores determinantes para a escolha da profissão, mas, além disso, têm a perfeita noção de estarem envolvidos num ambiente de difícil convivência.

Viver neste ambiente difícil implica adquirirem a sabedoria de não se deixarem envolver por conflitos que possam existir, e simultaneamente serem capazes de manifestar sua arte. No caso específico dos jogadores, muitas vezes as influências externas se fazem refletir dentro do campo, gerando manifestações de violência.

Por ser um desporto, muito popular e gerando grande envolvimento da massa associativa, os jogadores de um modo geral sentem-se muito solicitados, e essa solicitação pode influir nas manifestações de violência. Essa solicitação assume um caráter especial, quando clubes de algumas cidades se confrontam, e aí, nesses casos, tende a haver um aumento de tensão, gerando também situações férteis em conflitos.

Além dessa solicitação externa, usando palavras dos atores, muitas vezes "... determinadas batalhas pessoais travam-se nos campos, sem que o público perceba". Nesses casos também algumas manifestações de violência podem ocorrer.

O que também os mobiliza muito, é a percepção da exigência do técnico quanto à sua forma de atuar. Em relação a essa exigência, muitas vezes vivem um conflito, pois apesar de não tencionarem atuar da forma que o técnico solicita, também se sentem induzidos a tal comportamento, pois evidentemente têm medo de serem descartados nas convocações.

Pelo que foi dito acima, fica claro que as relações dos jogadores com os técnicos são instáveis, e de certa forma, alguns técnicos têm dificuldade em precisar quais os jogadores em que podem confiar, pois parecem se sentir ameaçados quando questionados por jogadores mais experientes, ou mesmo quando questionados sobre alguns fundamentos básicos do futebol.

Com relação à paixão dos técnicos, o aspecto colocado em destaque é aquele que diz respeito à luta pelo desempenho, a luta para fazerem seus atletas atingir performances altas. Em todas as conversas, quando esse assunto foi discutido, ficou visível a forma emocionada como falavam deste aspecto. Certamente esta emoção, também é fonte de possíveis manifestações de violência, pois não devemos esquecer que existe certa insegurança no ambiente futebolístico, gerada pela necessidade da vitória constante, ou seja, podemos entender que vivem permanentemente uma situação limite. Quando referimo-nos à fonte de possíveis manifestações de violência, pretendemos afirmar que essa emoção, pode transformar-se, por exemplo, em ofensas concretas durante os jogos, ou pode também acarretar comportamentos menos dignos, nas relações com os atletas, ou mesmo ofensas entre técnicos.

De um modo geral, conseguem perceber as relações de poder existentes, entre os dirigentes e os técnicos, entre os dirigentes e os jogadores, entre dirigentes e políticos e, até mesmo, a divisão de poder entre o sul do país e o norte. Em relação a esse poder, também têm consciência de que muitas amizades são estabelecidas e fundamentadas na admiração e respeito mútuos. Entretanto, outras amizades são estabelecidas numa perspectiva de futuras trocas de favores, induzindo muitas vezes à atitudes suspeitas nos momentos decisivos.

Apesar da paixão pela profissão ser fator determinante, o aspecto econômico é muito destacado por muitos dos atores. Têm a dimensão real de que estar no futebol, dependendo das circunstâncias, pode ser uma forma de ganhar muito dinheiro em relativamente pouco tempo, apesar de também reconhecerem - especificamente os jogadores - que não têm muito tempo de vida de trabalho, pois o mercado do futebol, para esses, se comparado com outras profissões, é bem curto.

Conclusões

Fazendo uma reflexão em forma de síntese sobre os discursos dos entrevistados, podemos afirmar que, se compararmos as fontes de dados entre si, praticamente todas as categorias de violência identificadas nessas fontes também foram confirmadas nas falas dos atores. A única exceção verificou-se na categoria coação, que só foi constatada quando da realização das entrevistas. Nesta categoria, ficou claro, que, alguns clubes, exercem, em determinados momentos, um atuação forte contra alguns jogadores, pelos mais variados motivos e, muitas vezes, se excedem nessas coações, levando os jogadores a recorrerem, à justiça ou a tentar negociar através de seu sindicato.

Quando abordamos a concepção de violência dos atores, ficou evidente no discurso de alguns, certa hesitação em classificarem, por exemplo, o comportamento do jogador Maradona na Copa do Mundo de 1986, como sendo um comportamento violento. O que podemos inferir dessa dúvida é que parece existir uma grande preocupação com a violência física entre os jogadores, enquanto que o burlar as regras sem violência física, passa a ser mais aceite, por não ferir a integridade física de nenhum dos intervenientes. Além disso, a possibilidade da burla poder beneficiar o infrator legítima, dentro dos parâmetros de uma 'ética' duvidosa, este comportamento. Afinal, ser esperto sem ferir a integridade física é mais natural.

Pensamos poder afirmar que, na sua totalidade, os intervenientes têm perfeita noção das relações de poder existentes no futebol e quão complexo, tenso e ambivalente é o ambiente neste esporte, principalmente se considerarmos a necessidade constante da vitória. Entretanto a tensão pode se minimizada se relativizarmos a vitória. Isso significa dizer e entender, que entre os atores também é perceptível que existem vários objetivos a serem perseguidos pelos clubes dentro dos campeonatos. Ou seja, têm a consciência que nem todos podem ser campeões. Visto dessa forma é compreensível, que, dentro de uma mesma competição, as conquistas sejam particularizadas como se houvesse dois campeonatos dentro de um só. Em função disso, pela dimensão dos atores, é possível manter a paixão tão necessária à sobrevivência num esporte como esse. Suas buscas e conquistas tornam-se mais concretas e palpáveis tornando o ambiente mais real. Nesse sentido, as violências sofridas e perpetradas também se tornam mais reais principalmente para as pessoas que desejam entender um mundo ambivalente como o futebol profissional.

Referências

DENZIN, Norman K. **The Logic of Naturalist Inquiry**. In Sociological Methods: A Sourcebook, Editado por N.K.Denzin. New York: McGraw-Hill, 1970

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

HAAG, Herbert. **Triangulation: A Strategy for Upgrading Comparative Research Methodology in Sport Science** In Sport in the Global Village. Ralph C. Wilcox, Morgantown: Fitness Information Technolog, 1994

MICHELAT, Guy. **Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia** In Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. Michel Thiollent, São Paulo: Editora Polis, 1985

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative Evaluation and Research Methods**. London: Sage Publications, 1990.

SOARES, Antonio Jorge G. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: SPDC/UFES, 1994.